

SOBRE VISÕES DE MUNDO

Claudia Helena Campos Nascimento¹

A partir do convite de Daniel Miranda e da amiga de longas jornadas Sabrina Campos, fiquei responsável por chamar pesquisadores de Roraima que estão, cada um sob seu ponto de vista, vislumbrando o processo de fluxo populacional vindo da República Bolivariana da Venezuela, que tem como primeiro estágio a capital roraimense.

Os impactos e as formas de mitigação (ou, ao menos o esforço de compreensão) têm sido constantes e, certamente, o conjunto de artigos desta edição não são suficientes para esgotar os questionamentos deste cenário. Desta forma temos profissionais de várias áreas atuando ou, ao menos, buscando compreender e auxiliar nesse contexto

Como bem registrou o Vice-Reitor da Universidade Federal de Roraima, Prof. Dr. Américo Alves de Lyra Júnior, o que temos nesse momento é “uma foto, ou melhor, um movimento que já mexeu com a história de Roraima, mexe com a sociedade; acho que hoje somos uma sociedade diferente daquela anterior”. Esse instantâneo nunca será preciso, visto que em movimento, sob vários ângulos, mas necessário. Por isso a entrevista concedida pelo eminente vice-reitor é parte imprescindível e soma-se ao conjunto de artigos essa entrevista – que, na verdade, é a transcrição de uma agradável conversa – onde o papel da instituição, do pesquisador e do professor se faz importante também como agente.

A fotografia é instrumento do ensaio “Estórias Migrantes: Vidas Abridadas”, coordenada pelo Prof. Dr. Fabricio Borges Carrijo, dando rosto e voz para essas pessoas que

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo (Patrimônio, restauro e tecnologia); possui especialização em Artes Visuais e Semiótica. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (2001); E-mail: claudia.nascimento@ufrr.br;

são genericamente tratadas como venezuelanos. Este artigo possui tamanho grau de complexidade quanto de singeleza, por tratar do registro da realidade no sentido lato, em suas dificuldades e esperanças. Vidas que se encontram em abrigos, graças à ação do Governo Federal através da Operação Acolhida, que envolve quase 100 Organizações Não Governamentais, além das Forças Armadas e da ONU/ACNUR. Vivências que passam a ser foco das lentes de Katarzyna Górka, Lisiane Machado Aguiar, Amanda Iane Gomes Barros Palácio, Ana Célia Machado, Juliana Fabrícia Correia Orihuela, Juliana Pinheiro Mangabeira, Rafaela Gomes Assunção e *Suedy Lorena* da Silva Barros, além do próprio Fabricio Carrijo.

Dois temas de extrema relevância, no campo dos Direitos Humanos, configuram as condições de apoio e direito dessa população cuja esperança conduziu ao nosso país – moradia e cidadania. Essas contribuições se devem ao registro da atuação profissional dos autores diante da realidade que surgiu com a chegada maciça destes.

O engenheiro civil e arquiteto urbanista Rodrigo Edson Castro Ávila, como representante da ONG Engenheiros Sem Fronteiras têm experiência vivencial nos processos e demandas físicas da Operação Acolhida e trás, em seu artigo, os dados referentes aos equipamentos de abrigo e a atenção à diferenciação de estruturas, de acordo com o perfil da população a ser atendida, visto que, em princípio, no tratamento generalizado, várias questões culturais surgiram dentro dos próprios abrigos, especialmente quanto às diferenças étnicas e de gênero.